

# DIFERENTES MODOS DE COMPREENSÃO DA SUBJETIVIDADE: A ABORDAGEM GESTÁLTICA

Elizabeth da Costa Ribeiro

Professora da Universidade Gama Filho e psicoterapeuta.

Nesta exposição farei o seguinte percurso: um breve histórico a fim de situar vocês no contexto do surgimento da GT; fazer uma breve alusão à alguns conceitos da GT, focando no conceito de “fronteira de contato” como conceito chave para a compreensão da questão da subjetividade nesta Abordagem e, finalizando, apresentar os desdobramentos deste conceito, na atualidade, como uma concepção dialógica em psicoterapia gestáltica. Pretendo, assim, mostrar alguns ângulos na visão desta abordagem, e reservar para o nosso debate, as considerações críticas referentes às possibilidades e aos limites da GT.

A Gestalt-terapia, que conhecemos com este nome hoje, aparece de forma embrionária no livro *Ego, Fome e Agressão*, que teve sua primeira edição em língua alemã, em 1942, cujo subtítulo é: “uma revisão da teoria e do método de Freud”. Nesta obra, Frederick Perls (1893-1970), denomina sua proposta psicoterápica de *Terapia da Concentração*. O livro foi escrito na África do Sul, durante a Segunda Guerra Mundial, pois Perls, que era judeu/alemão, tinha fugido da perseguição nazista, e se instalado no continente africano, onde dirigia um Instituto de Psicanálise. Segundo seus escritos, não era sua intenção deixar de fazer Psicanálise, mas, contribuir com concepções que renovassem sua teoria e prática. Entretanto, acabou distanciando-se das fronteiras da teoria freudiana.

Quando ainda estava em Berlim, Perls trabalhou como neuropsiquiatra, mas era engajado em movimentos artísticos da contracultura, envolvido com dissidentes políticos e a boêmia da cidade. Este seu contexto de vida é fundamental para se compreender seu repúdio ao academicismo e à intelectualização do conhecimento. Esta rejeição teve suas repercussões na GT, que se caracterizou, como um movimento de desintelectualização e ênfase em uma perspectiva estética da existência. É freqüente em GT se relacionar psicoterapia e arte, e considerar a expressão artística como modo de facilitar o trabalho das “situações inacabadas”, ou seja, propiciar o fluxo de sensações e emoções nas relações interpessoais.

Perls fez análise com Karen Horney e Reich, trabalhou com Kurt Goldstein, no Instituto de Soldados Portadores de Lesões Cerebrais e casou-se com Laura Posner, uma psicóloga integrante da Escola da Psicologia da Gestalt. Suas influências teóricas são, portanto, a Psicanálise, a concepção de “courage corporal” de Reich, a Teoria de Campo de Kurt Lewin, a Psicologia da Gestalt e as idéias de filósofos como

Martin Buber e Paul Tillich.

Em sua autobiografia, *Escarafunchando Fritz Dentro e Fora da Lata do Lixo*, que teve sua primeira edição em língua inglesa em 1949, Perls, de maneira irreverente e bem humorada, mostra seu repúdio aos padrões estabelecidos. Nesta mesma obra, refere-se às noções de Sigmund Friedlaender, autor de *Creative Indifference*. Aborda o impacto que as idéias deste filósofo tiveram em sua vida e no desenvolvimento de suas concepções em psicoterapia. O princípio básico que tanto impressionou Perls é o seguinte: tudo na vida, qualquer coisa, situação ou evento se diferencia em opostos, se somos capturados por um desses opostos ficamos estagnados e adoecemos. Este princípio se desdobra no conceito perlsiano de “polaridade”. Para a GT, somos uma complexidade de polaridades. As polaridades se mostram na baixa vitalidade do fluxo de emoções e sentimentos e e nas ambigüidades que se revelam através do falar, do olhar, do respirar etc.. A pessoa refere-se a algo num discurso racional, enquanto que, corporal e afetivamente, mostra uma outra. Perls foi um mestre em demonstrar em workshops de GT o trabalho com as polaridades e a “presentificação” ou “contato” com as partes alienadas ou cindidas.

Entretanto, os conceitos de “polaridades”, “presentificação” ou “awareness” se desenvolvem e ganham corpo quando Perls se muda para os EUA. Em função do pós-guerra e a necessidade coletiva de novos significados, e ainda, com a efervescência das idéias existenciais, dos Grupos de Encontro de Rogers e do Psicodrama de Moreno, as concepções de Perls ganham força com a colaboração de Laura, Paul Goodman, Ralph Hefferline, dentre outros. Denominam, assim, Gestalt-terapia a nova proposta de psicoterapia. Perls passa a trabalhar com grupos e grandes grupos demonstrando sua proposta de presentificação/vivencial.

Esta abordagem tem uma proposta holística a qual afirma que “o todo não é uma mera soma de partes”, daí a noção de “auto-regulação” como interrelação pessoa-mundo. Assim, desloca-se a perspectiva de um indivíduo que pode ser estudado “em si mesmo” para as interações grupais e seus processos.

Contrapondo-se à noção de “intrasubjetividade” tem-se a perspectiva de “intersubjetividade” ou “interexistência”.

Por isto que à luz da Psicologia da Gestalt, da Teoria de

Campo de Kurt Lewin e da Gestalt-terapia, quando falamos de “terapia de grupo”, não estamos falando de “terapia em grupo”, porque esta última denominação pressupõe o paradigma da psicologia clássica de atendimento ao indivíduo, porém, numa configuração de grupo. A terapia de grupo contempla e lida com a complexidade das interações grupais e sua dinâmica.

Para a Abordagem Gestáltica a concepção de subjetividade implica em abordar a vida humana como “vida-em-relação”, como “viver-em-um-mundo”, daí o conceito da GT de “fronteira relacional de contato”. Para esta abordagem ocorre uma interdependência inalienável “eu-tu”, “eu-mundo”, “eu-sociedade”, “eu-cultura”, sendo que este “eu” não pode ser tomado ao modo da Psicologia clássica, como um “eu” em si mesmo, mas um “eu” aberto sempre referido ao outro e às suas condições. A pessoa é sempre em situação, em relação, portanto, se desvela nas situações concretas da vida, em seus encontros e desencontros existenciais. O Gestalt-terapeuta tenta compreender os modos relacionais nas situações concretas vividas pelo cliente. E, ainda, compreender os vários sistemas relacionais que se formam e, baseado nisto, dialogar com o seu cliente, considerando que entre terapeuta e cliente também se forma um sistema relacional.

Compreendendo a subjetividade como um fenômeno de relação, entende-se, da mesma forma, o âmbito psicoterapêutico como um encontro no qual ocorre uma mútua afetação.

Atualmente, Gestalt-terapeutas como Richard Hycner e Gary Yontef, apoiados na filosofia de Martin Buber, propõem uma Gestalt dialógica, ou seja, uma noção que contemple o fenômeno do “entre” relacional. Diferentemente da dialética, que pretende alcançar uma síntese racional, a dialógica se propõe a ficar com aquilo que é figura na relação terapeuta-cliente. Entretanto, a Gestalt-dialógica não se refere somente ao discurso, mas ao fato, de que a existência humana é relacional. A pessoa é um dos pólos numa bipolaridade ou numa multipolaridade. Para Buber (apud Hycner, 1995, p.23), “o significado do interhumano não será encontrado em qualquer um dos dois parceiros, nem nos dois juntos, mas somente no diálogo entre eles, no entre que é vivido por ambos”. Este filósofo (op.cit.) refere-se ao “entre” não como um fenômeno psicológico, mas, ontológico.

O termo “diálogo”, em sua origem grega, significa “movimento-através da palavra”. Portanto, o terapeuta, fundamentado numa perspectiva do ser-em-relação, encontra-se com seu cliente, num movimento interexistencial que pode se dar pelas múltiplas formas de expressão humana, ou seja, pela palavra e suas histórias, pelos gestos e seus movimentos, pelo corpo e sua expressividade, pelo desenho e suas formas...

Se por volta de 1900, nos primórdios da psicanálise e da psicoterapia, tínhamos uma cultura repressiva, que conforme assinalou Freud, era geradora de mal estar e sofrimento, compreendo que, as dores do homem pós-moderno decorrem da privação de contatos genuínos e da ausência de uma possibilidade de vínculos estáveis. O sofrimento do homem de hoje se dá numa cultura técnico/consumista que gera um apartamento e um esvaziamento relacional. A experiência do diálogo em GT é uma possibilidade de abrir um campo de potências geradoras de atitudes críticas num mundo empobrecido de relações significativas. Este, é a meu ver, o lugar ético do psicoterapeuta na contemporaneidade.

### **Referências Bibliográficas:**

- HYCNER, R. De pessoa a pessoa. Rio de Janeiro: Summus, 1995
- PERLS, F. Ego, fome e agressão. Rio de Janeiro: Summus, 2002
- \_\_\_\_\_. A abordagem gestáltica e a testemunha ocular da terapia. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- \_\_\_\_\_. Escarafunchando Fritz dentro e fora da lata do lixo. Rio de Janeiro: Summus
- PERLS, F; HEFFERLINE, R e GOODMAN, P. Gestalt-Terapia. Rio de Janeiro: Summus
- YONTEF, G. Processo, diálogo e awereness. Rio de Janeiro: Summus